

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"QUESTIONAMENTOS ACERCA DA SIBILA BABILÔNICA"

VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA / I SEMINÁRIO
INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-HELENÍSTICOS - PEJ -/
I SEMINÁRIO DO GEA, 28 DE NOVEMBRO - 01 DE DEZEMBRO 2006

Apolo Marques Prado

História / 6o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Esta pesquisa aborda questões relevantes e pontos de interesse acerca da existência ou não da Sibila da Babilônia, especificamente nos trechos do livro 3 dos *Oráculos sibilinos* que estudiosos apontam como prováveis de terem origem caldéia, ou ao menos de uma localidade próxima da Babilônia, como a Pérsia, onde muitas vezes suas civilizações, aos olhos dos antigos ocidentais, se confundem. Também é de enorme relevância a questão da origem das fontes sobre essa suposta Sibila e os autores que afirmaram sua existência, inter-relacionando as diversas referências à luz de nosso conhecimento sobre o assunto, para melhor abordarmos a questão. Proponho não solucionar, talvez tarefa impossível, o mistério de sua existência, mas sim aproximar-me ao máximo daquilo que poderíamos identificar como o motivo, a origem e o tempo em que os trechos foram compostos e posteriormente apropriados, dentro do contexto de resistência cultural oriental.



Questionamentos acerca da Sibila babilônica

Este breve estudo visa elucidar certas questões referentes á figura da Sibila, especificamente a "Sibila da Babilônia" e seu papel dentro do contexto de resistência cultural e propaganda anti-helenística entre os séculos II a.C. e I d.C.

Dentre as diversas figuras de tradição divinatória que encontramos na Antigüidade, a figura da Sibila é uma das mais marcantes e que mais levantam questões. Essa figura lendária foi conhecida por diferentes epítetos em diferentes localidades, sempre profetizando em êxtase; sua atividade mostra características bem definidas, como profecias *ex eventu* de conteúdo escatológico, via de regra, sejam essas profecias de fundo político ou de exortação moral¹. Os seus versos em hexâmetros serviram até mesmo como guia para a República romana e Império, onde os *quindecimviri*² os analisavam em tempos de perigo.

De todos os livros dos Oráculos Sibilinos (OrSib) que sobreviveram, o OrSib 3 é o livro que recebeu maior atenção dos estudiosos, e também o mais compósito em sua autoria. Muito se discute sobre as partes individuais e sua autoria, que teriam feito parte de uma tradição mais antiga apropriada por um compilador judeu, mas que não foi separada nem identificada por partes individuais. É de uma passagem que remete á uma hipotética "Sibila babilônica" que este trabalho se atém.

¹ John J. Collins. "Sibylline Oracles" in: James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985. Pp.317-320.

² Lactâncio. *Das instituições divinas*. 1.6.12. *Quindecimviri* era o corpo sagrado apontado pelos romanos para guardarem e interpretarem os seus próprios oráculos sibilinos.



Primeiramente, faz-se necessário identificar o contexto e a situação sócio-política mais plausível em que o OrSib 3 foi gerado. É bem aceita e difundida a tese de John J. Collins³ no qual o OrSib 3 foi inicialmente composto por judeus helenizados no Egito ptolomaico, devido á diversas referências sobre uma figura de caráter messiânico chamado de "sétimo rei", muito provavelmente Ptolomeu Filopátor. O entusiasmo dos hexâmetros indica uma boa relação com a dinastia reinante, apontando para o círculo judaico do sacerdote Onias III, fundador do templo de Leontópolis, e general de Filopátor, o qual teve os judeus em alta conta. Indicações nos versos sobre a intervenção romana nos assuntos egípcios no tempo de Antíoco Epífanês apontariam para a criação do corpus literário principal do OrSib 3 entre 163-145 a.C.⁴. Muito embora tenham sido criados na época de um movimento de resistência anti-helenística por parte dos judeus, a revolta dos Macabeus, os versos de OrSib 3 não a mencionam, o que estaria em concordância com o posicionamento de um sacerdote como Onias e seus seguidores, que prezavam o Templo e a tradição sacerdotal em detrimento dos Asmoneus vitoriosos.⁵

Entretanto, enxergar os versos sobre o "sétimo rei" como uma indicação da composição de um corpus principal por um judeu egípcio helenizado acaba por não resistir á um escrutínio mais profundo⁶. Os versos associados ao "sétimo rei" e ao "rei vindo do Sol" trazem uma imagem muito mais negativa do que positiva ao Egito, enquanto que as diversas passagens são de tal modo compósitas que acabam por nos remeter á diversos períodos e eventos posteriores ao meio

³ Collins, OTP 1, pp.354-356.

⁴ Collins, OTP 1, pp.355.

⁵ Collins, OTP 1, pp.354-356.

⁶ Erich Gruen. "Jews, Greeks and Romans in the Third Sibylline Oracle" in: Martin Goodman (ed.). *Jews in a Graeco-Roman World*. Oxford, Clarendon Press. Pp.17-24.



do séc. II a.C.. Como conclusão, reconhece-se a ação de um compilador judeu em épocas posteriores de muitos oráculos mais antigos que compõem o corpus literário do OrSib 3, embora sua procedência exata seja objeto de especulações.

Portanto, uma análise dos elementos judaizantes ou da procedência de sua compilação apenas não é suficiente, pois surgem nos OrSib 3 diversos elementos exógenos ou no mínimo sincréticos, como uma interpretação eumerística do mito de Cronos⁷ ou oráculos referentes à previsões escatológicas sobre várias cidades da Ásia Menor⁸. Outras passagens foram apontadas como reminiscências de uma "Sibila babilônica" anterior, tornando necessário retroceder até a discussão acerca da existência de diferentes Sibilas e aos autores antigos que as citaram, para identificar essas eventuais influências.

A coletânea dos OrSib reunida por um anônimo do séc. VI d.C. contém um prólogo que expõe as intenções do autor e seu interesse ao coletar os oráculos⁹. Também fornece uma relação de dez sibilas, retiradas da lista do antiquário romano Varro¹⁰, através de Lactâncio em suas *Instituições divinas*, com a diferença de que o autor do prólogo identifica a primeira sibila, a persa, com a sibila caldéia e a nomeia como "Sambhete", identificando-a com a família de Noé¹¹. Tal identificação não ocorre gratuitamente, pois "antiguidade" era sinônimo de "autoridade" e, por conseguinte, de maior respeito no mundo helenístico. Também se diz dessa sibila que ela profetizou a carreira de Alexandre, o Grande. Em seguida, o autor do Prólogo dos

⁷ OrSib 3:110-155.

⁸ OrSib 3:401-488.

⁹ Collins, OTP 1, p.327.

¹⁰ Marcus Terentius Varro, erudito e antiquário romano, viveu entre 116-27 a.C., e escreveu diversos livros, dentre os quais apenas dois fragmentos sobreviveram nas obras de autores posteriores.

¹¹ OrSib 3:823-827.



OrSib cita outras: a olíbia, a délfica, a italiana, a eritréia, a sâmia, a cumana (famosa por sua relação com Roma, cuja lenda é contada pelo autor do prólogo¹²), a helespontina (também conhecida como a sibila de Marpessus), a frigia e, por último, a tiburtina.

A Identificação da Sibila caldéia com a família de Noé encontra-se nos próprios oráculos. Em OrSib 3 :823-827 ela se identifica como filha de Noé, e em 3:809-810, como vinda da Babilônia. Pausânias¹³ também nos legou informações sobre as Sibilas, pois interessou-se muito pelo assunto em suas viagens e demonstrou conhecimento que vai além da mera repetição de informações em segunda mão, ao investigar e visitar as diversas localidades reputadas como centros de profecias sibilinas. Suas viagens o levaram à Palestina, da que ele relata:

Havia uma profetisa, posterior á Demo, que vivia entre os Hebreus além da Palestina. Seu nome era Sabbe. Seu pai foi, eles dizem, Berossus, e sua mãe, Erymanthe. Alguns dizem que ela era a Sibila da Babilônia; outros a chamaram a Sibila do Egito¹⁴.

Talvez o nome "Sabbe" seja uma derivação do conhecido "Sambhete", enquanto que a procedência babilônica venha dos próprios versos (se ele chegou a entrar em contato com os oráculos propriamente ditos)¹⁵. A diferença cronológica entre a auto-intitulada proveniência da Sibila dos tempos

¹² [conto lendário do aparecimento dos livros sibilinos em Roma aqui]

¹³ Viajante e geógrafo grego do segundo século d.C., escreveu a famosa *Descrição da Grécia*, se atendo em detalhes como cerimônias e ritos religiosos e monumentos dos povos visitados.

¹⁴ Pausânias. *Descrição da Grécia*. 10.12.9.

¹⁵ Herbert W. Parke. *Sibyls and Sibylline Prophecy in Classical Antiquity*. New York / London; Routledge. 1988. Pp.42.



de Noé com o sacerdote e historiador Berossus¹⁶ da primeira metade do séc. III a.C. torna sua paternidade impossível, indicando uma razão diferente para essa ligação entre os dois personagens. A estrutura narrativa da *Babiloniaka* de Berossus inicia-se com o começo dos tempos e vai até o seu fim, numa organização mais semelhante à dos oráculos sibilinos, o que talvez tenha sido motivo para uma identificação entre ambos. Já em relação à Sibila egípcia, não existem evidências de natureza conclusiva para identificar os motivos de sua menção, muito embora os elementos egípcios do OrSib 3 que foram unidos pelo seu compilador judeu possam ter levado as fontes de Pausânias a adotarem essa conclusão.

Grande parte das fontes sobre Sibilas referem à uma Sibila oriental (persa ou babilônica) mais antiga e que talvez possa ser identificada nas passagens 3:97-104 e 3:381-387, apropriadas ou alteradas posteriormente. O primeiro caso (3:97-104) é uma citação da queda da torre de Babel¹⁷, muito similar ao *Enuma Elish*¹⁸, e também ao conto do Dilúvio da Epopéia de Gilgamesh¹⁹, citada nas antigas tradições mesopotâmicas ou, em versão posterior, traduzida para o grego, por Berossus²⁰. O segundo (3:381-387) é composto de versos que tratam das conquistas de Alexandre na Ásia, de como ele lidera a raça de Cronos para conquistar até mesmo a cidade da Babilônia, compondo uma

¹⁶ Sacerdote de Bel, Astrólogo e autor de uma "História da Babilônia" (*Babyloniaka*) em moldes historiográficos gregos, e também escrita em grego.

¹⁷ Collins. OTP 1, p.364.

¹⁸ Mito de criação da Babilônia, bastante popular na antiga Mesopotâmia.

¹⁹ *Sha nagba imuru*. (maior descrição)

²⁰ Berossus utilizou-se de antigas fontes não-acessíveis ao público em geral, provavelmente tabletas cuneiformes, muito semelhantes aos mitos antigos encontrados em outros tabletas que sobreviveram aos dias de hoje.



narrativa bem diferente dos versos anteriores ou posteriores:

*Mas a Macedônia trará um grande sofrimento á Ásia
E um muito grande pesar para a Europa surgirá
Da raça de Cronos, de bastardos e escravos
Ela conquistará até mesmo a cidade fortificada da
Babilônia
Tendo sido chamada de meretriz de cada terra que o Sol
observa
Ela perecerá pelo destino cruel
Deixando um nome para sua posteridade errante ²¹.*

Ambos foram indicados referindo-se á uma "Sibila babilônica" ou persa que teriam sido apropriadas pelo compilador judeu, mas sua procedência continua á gerar debates. A narrativa quanto á queda da torre de Babel, em específico, não necessariamente remete á uma referência gentílica como fonte oracular, pois suas referências podem, todas, serem retiradas do livro do Gênesis judaico, sem elementos que remontam á uma versão pagã do mito²². O segundo caso citado talvez demonstre ser um indício mais relevante. A narrativa e a maneira como o trecho foi inserido no OrSib 3 indica uma procedência diferente de outras passagens, e sua mensagem de "assistência" á cidade da Babilônia nos leva a crer em uma composição oriental, talvez persa, apropriado pelo compilador judeu. Na lista de Varro encontramos logo como a Sibila mais antiga a persa, citando um indivíduo chamado Nicanor como sua fonte, que falou de uma certa profetisa persa que previu os desastres vindouros sob a liderança de Alexandre. Entretanto, rastrear a existência desse Nicanor se torna quase impossível visto que este é um nome comum entre macedônios,

²¹ Collins. OTP 1, p.370.

²² Valentin Nikiprowetzky. *La troisième Sibylle*. Paris / La Haye: Mouton, 1970. Pp.17-36.



o que torna o solo fértil para conjecturas e hipóteses acerca da maneira que ele entrou em contato com essa Sibila, seja como uma Sibila propriamente dita na corte persa que previu os desastres á porvir, ou se foi um macedônio que posteriormente á conquista, forjou os oráculos *ex-eventu* declarando a iminente destruição da Pérsia aquemênida. Não há como saber com o que se conhece atualmente, embora a menção na lista de Varro possa significar a existência de uma Sibila, se não persa, no mínimo oriental.

O que se pode inquirir com o que sabemos vem da própria natureza dos versos oraculares. A passagem em questão (3:381-387) é extremamente negativa quanto á dominação macedônica, muito embora Alexandre, o Grande, tenha sido recebido como salvador e libertador da cidade quando ele adentrou suas muralhas em 331 a.C., o que nos indica uma composição posterior pelo menos ás guerras dos sucessores no final do séc. IV a.C.. Os versos 3:388-400 continuam com a propaganda anti-helenística ao narrar a vinda de um homem "vestido em púrpura" que trará desgraças á Ásia.